



ETNOMATEMÁTICA NAS VIVÊNCIAS COTIDIANAS NO E DO MERCADO MUNICIPAL DE MONTES CLAROS/MG¹

Vanessa de Siqueira Camilo Costa ²
Nádia Maria Jorge Medeiros Silva ³

RESUMO

A Etnomatemática nos possibilita perceber outros meios de praticar a matemática e é a partir desse entendimento etnomatemático que apresentamos o seu conceito e buscamos apontar as práticas matemáticas de feirantes e fregueses montesclarenses. O presente artigo versa sobre as matemáticas desenvolvidas no cotidiano, práticas de um povo que se organiza social, cultural e politicamente. O objetivo do trabalho é relacionar as técnicas de ordenar, classificar, mensurar a matemática nas vivências no e do Mercado Municipal do município de Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Apoiamo-nos em uma pesquisa bibliográfica e observação não-participante no mercado. A relevância deste trabalho está em propor reflexões acerca de uma matemática contextualizada, presente no dia a dia. Existe nesse lugar histórico de comércio, o envolvimento das práticas matemáticas, não simplesmente a venda de produtos, mas sim toda uma cultura de raciocínio gerido por essas gentes que desenvolveram seu jeito peculiar de saber fazendo e fazer sabendo.

Palavras-chave: Etnomatemática, Práticas matemáticas, Mercado Municipal, Cotidiano, Feira livre

INTRODUÇÃO

A matemática não se apresenta com exclusividade enquanto disciplina a ser estudada ou uma ciência exata, ela está envolvida no cotidiano, nas tarefas simples do dia a dia, como pagar um boleto e receber o troco, realizar uma compra no supermercado prevendo um consumo por um período de tempo estipulado. A maioria das pessoas tem conhecimento de práticas matemáticas, mesmo tendo pouca, ou nenhuma, educação escolar formal, tais como verificar as horas nos ponteiros do relógio de pulso ou de parede, cozinhar utilizando uma receita com medidas dessemelhantes das unidades de medidas ensinadas na sala de aula, dividir os cabelos

¹ Este trabalho é fruto da pesquisa de mestrado, que vem sendo desenvolvida pela autora.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, vanessa.camilo@ufvjm.edu.br.

³ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, nadia.jorge@ufvjm.edu.br.



para trançar, enfim, toda e qualquer forma de classificar, ordenar, organizar ou mensurar qualquer material ou objeto do nosso cotidiano.

A abordagem que envolve a etnomatemática tem um enorme campo de conhecimento e saberes que se relacionam, sendo de maneiras formais, informais ou não formais. Nessa perspectiva, tem a relevância dos saberes matemáticos do cotidiano, comumente denominado como conhecimento informal.

A etnomatemática não se trata, portanto, da matemática de uma etnia, mas sim do estilo de saber fazer específico de uma coletividade, decorrentes de costumes, experiências, vivências particulares, idiossincrasia. Percebemos então que a matemática está intrinsecamente ligada à cultura, aos jargões das gentes envolvidas num contexto, desenvolvendo uma determinada técnica, demonstrando uma maneira própria de explicar e lidar com as práticas do seu cotidiano, surgidas a partir de necessidades de se reinventar.

A valorização desse conhecimento, dessas práticas matemáticas produzidas de maneira informal, não diminui a relevância da matemática ensinada nas instituições, descrita como ensino escolar formal. Não se trata aqui de supervalorizar a matemática informal, produzida nos espaços não escolares, em detrimento da matemática ensinada na educação formal, e sim buscar outro ponto de vista para observar o desenrolar da matemática, lançar um olhar matemático a partir do fazer e do saber popular, por exemplo, as práticas de comercialização que resistem nas feiras livres, que envolvam conhecimentos matemáticos formais, informais e não formais.

Entendendo que não há uma matemática mais importante que a outra, utilizaremos em todo o texto a palavra matemática grifada sempre com letra minúscula, como forma de resistência e reafirmação que todas as matemáticas têm o mesmo valor.

Nesse estudo destacamos o Mercado Municipal de Montes Claros/MG, com o objetivo de relacionar as técnicas de ordenar, classificar, mensurar a matemática nas vivências no e do Mercado Municipal do município de Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Para tanto apoiamos-nos em uma pesquisa bibliográfica e observação não-participante no referido mercado. A relevância deste trabalho está em propor reflexões acerca de uma matemática contextualizada, presente no dia a dia. As leituras e observações nos mostra que existe nesse lugar histórico de comércio, o envolvimento das práticas matemáticas, não simplesmente a venda de produtos, mas sim toda uma



cultura de raciocínio gerido por essas gentes que desenvolveram seu jeito peculiar de saber fazendo e fazer sabendo.

Na feira do Mercado Municipal de Montes Claros/MG, notamos como os feirantes (re)significam a cultura da região, mantendo as tradições que a cultura local tem em medir, classificar e organizar dos produtos a serem vendidos. Ao mesmo tempo se adaptam ao moderno, utilizando equipamentos padronizados para pesar e medir, atendendo assim todos os fregueses em suas diversidades de demandas. Dessa forma assimilam matematicamente as imposições do dominador sem deixar de lado as raízes as quais se sustentam nesse movimento de (re)existência social, cultural e política.

A etnomatemática: vivências matemáticas cotidianas

A Etnomatemática nos permite perceber outros meios de praticar a matemática, saber fazer matemática de maneira diferente da matemática formal, acadêmica, que valoriza o método dedutivo. Compreendendo o saber fazer matemático, compreendemos então a crescente atenção dada a Etnomatemática.

Mas, enfim, o que é Etnomatemática?

Como definiu D'Ambrósio (2005, p.17), “a Etnomatemática é uma linha de pesquisa que busca a compreensão, transmissão e socialização de conhecimentos matemáticos onde se pretende refletir a Matemática em seus diferentes contextos”. E ainda, o mesmo autor (1993, p, 05) salienta que a Etnomatemática “é a arte ou técnicas de explicar, de conhecer, de entender diversos contextos culturais”. Entendendo também como um programa que visa “explicar os processos de geração, organização e transmissão de conhecimentos em diversos sistemas culturais e as forças interativas que agem entre os três processos” (D'AMBROSIO, 1993, p.07)

Enquanto programa e elaboração do termo Etnomatemática o autor supracitado aponta que:

a abordagem a distintas formas de conhecer é a essência do programa Etnomatemática. Na verdade, diferentemente do que sugere o nome, Etnomatemática não é apenas o estudo de “Matemáticas das diversas etnias”. Para compor palavra Etnomatemática utilizei raízes *tica*, *materna* e *etno*, para significa que há várias maneiras, técnicas, habilidades, (*tica*) de explicar, de entender, de lidar e de conviver (*matema*) com



distintos contextos naturais e socioeconômicos da realidade (etno). (D'AMBROSIO, 1997, p.111 e 112).

A Etnomatemática vem resgatar o conhecimento usado nos diversos ambientes culturais, explorando as diferentes formas de conhecer as práticas matemáticas em vários contextos e situações da vida cotidiana de crianças, lavradores, dona de casa, trançadeiras e demais atividades, principalmente as que registram formas de resistências de determinada classe ou povo, fortalecendo as culturas diversas desses grupos. Desse modo sua relevância se dá na medida em que:

A etnomatemática contribui para o desenvolvimento de processos de pensamento e a aquisição de atitudes, cuja utilidade e alcance transcendem o âmbito da própria Matemática, podendo formar no aprendiz a capacidade de resolver problemas genuínos, gerando hábitos de investigação (etnografia), proporcionando confiança e desprendimento para analisar (etnologia) e enfrentar situações novas (modelagem), além de desenvolver a criatividade e outras capacidades pessoais. No percurso do modelo até a solução o aprendiz está usando um conjunto de técnicas e estratégias, a Matemática num caráter instrumental (MORAES, 2013, p.1).

A etnomatemática, como já foi descrito, tem por objetivo apreciar a matemática dos diferentes grupos culturais de maneira geral. A saber:

A matemática que é praticada por grupos culturais específicos, tais como as sociedades tribais, grupos profissionais, crianças em certa fase do desenvolvimento, [...] e assim por diante. Sua identidade depende em grande parte dos interesses, motivações, e de certas normas e jargões que não pertencem ao domínio da matemática acadêmica (D'AMBROSIO, 1985. p.45).

Essa diretriz é sólida com a preocupação contemporânea de criar estímulos para grupos tradicionalmente deixados pela matemática e é nessa perspectiva que defendemos a possibilidade de um ponto de vista etnomatemática para o ensino dos alunos (MENDES, 2009).

Com isso, a etnomatemática procura em seus materiais de estudos, abordar a matemática praticada por inúmeros e diversos conjuntos culturais identificáveis, tais como feirantes, bordadeiras, catadores de recicláveis, pedreiros, pescadores,



trançadeiras, costureiras, enfim, todos os grupos que realizam práticas matemáticas no seu dia a dia; não somente para analisar os seus conhecimentos matemáticos adquiridos ao desenvolver suas atividades, mas procura verificar esses indivíduos em sua cultura de uma forma mais ampla, atraindo exercícios de sensibilidade para entender, de forma holística, como esses inúmeros e diferentes grupos resolvem e chegam à solução de situações problemas do cotidiano.

Segundo Moraes (2008):

Mais do que recuperar saberes matemáticos passados e presentes de grupos culturais, a proposta da Etnomatemática tem interesse em dar visibilidade aos saberes de grupos culturais marginalizados por não fazerem parte de uma cultura hegemônica, de um grupo dominante (MORAES, 2008, p. 20).

No que tange a matemática no cotidiano, são notórias as atividades de comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, entre outras tarefas do cotidiano que envolvem essa ciência.

Etnomatemática do cotidiano não é aprendida nas escolas, mas sim no ambiente familiar, uma vez que a criança, ao ajudar os pais em feira livre, por exemplo, adquire uma prática aritmética, tornando-se capaz de lidar com dinheiro, fazer troco e oferecer desconto sem prejuízo. Enquanto uma atividade humana, “a aprendizagem de conceitos matemáticos pode exigir a observação de eventos no mundo” (CARRAHER; CARRAHER; SCHLIEMANN, 1995, p.14).

Essa prática no dia a dia revela o aprendizado fora das salas de aula e possibilita uma visão mais crítica da sociedade.

Essa compreensão é partilhada em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Matemática), ao tratar a cidadania como o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, praticados no dia-a-dia através de atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (BRASIL, 1998).



As atividades da cidadania proporcionam ao indivíduo condições de resolver problemas que surgem no cotidiano, como saber fazer uma operação básica ao receber um troco, ao vender ou comprar algum produto, ao decifrar o valor a ser pago numa fatura da companhia de energia elétrica, ao utilizar os transportes urbanos, ao calcular o espaço da casa na compra de um móvel novo, portanto, em todas as atividades a matemática está presente. A resolução de problemas do dia a dia desperta no sujeito um desenvolvimento metacognitivo, perfazendo práticas matemáticas que possivelmente serão oferecidas para as próximas gerações desse nicho social no qual essa prática teve origem. E na escola essa aproximação e vivência com a matemática não deveria ser diferente, o sujeito precisa fazer parte da construção do conhecimento matemático que ali nesse espaço está sendo formado.

Para exemplificar a matemática presente no cotidiano, pode citar o labor do trabalhador rural, pois envolve matemática o tempo todo, nas compras, vendas, juros, descontos, na divisão do terreno para plantar, no arar a terra e na preparação de adubos para fertilização desta, no processo de colheita e seleção dos produtos para comercialização. Esses processos de classificar e ordenar só são possíveis de serem realizados/desempenhados com um bom raciocínio lógico, uma aprendizagem cognitiva que provavelmente foi despertada pela necessidade da prática do modo de saber fazer desse trabalhador.

Para fazer o cálculo normalmente o trabalhador, ou a dona de casa, inicialmente utiliza o raciocínio lógico e as experiências que em muitas situações são ensinadas e aprendidas no contexto familiar, determinados sujeitos, mesmo com o pouco ou nenhum estudo escolar, demonstram a prática em fazer cálculos aritméticos, mensurar pesos pendulando os braços, dimensionar espaços sem a utilização de equipamentos padronizados.

Portanto, uma das finalidades da etnomatemática é apontar o envolvimento do estudante com a matemática, apresentando na educação formal as práticas matemáticas que o educando já utiliza em seu cotidiano, como é influenciado e qual característica o discente deve usar para obter os resultados do qual necessita. Não como uma metodologia de ensino-aprendizado, nem mesmo apenas um ponto de partida para exemplificar algum conteúdo, mas como uma tendência, reconhecendo, valorizando e respeitando as práticas matemáticas carregadas de saberes próprios do indivíduo que as



carregam e sustentam, mesmo diante da modernidade que domina a sociedade.

Interessante se faz sublinhar que:

O propósito da Etnomatemática e da Educação Matemática está relacionado ao conhecimento empírico de grupos sociais específicos. Assim, no conceito de D'Ambrósio (2013), a Etnomatemática desempenha uma função de respeitar e reconhecer a história, a tradição, os costumes, o conhecimento, a organização cultural e o pensamento de outras culturas, que habitualmente em nossa sociedade é excluída de sua prática matemática, onde o cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura (D'AMBRÓSIO, 2013, p.102).

A feira livre do mercado municipal

A luz da etnomatemática, trazemos um cenário que (re)existe a essa sociedade moderna: as feiras livres e os mercados municipais. As feiras livres (tal qual nos mercados municipais) são locais onde são produzidos cotidianamente saberes do trabalho, caracterização de atos, gestos, maneira de agir e se relacionar, fomentadas por feirantes e fregueses, onde se ergue uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos atores sociais no âmbito desses territórios construídos e reconstruídos cotidianamente (VEDANA, 2004). Constitui-se um desafio para alcançar a proposta dialógica e dialética que a contemporaneidade requer de nós, interpretar os conteúdos veiculados na feira – artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemática e nisso nos debruçamos aqui.

Um exemplo de feira livre é a de Montes Claros/MG, onde se tem diversos produtos como, bancas de hortifrutigranjeiros, carnes, flores, biscoitos, artesanatos e entre outros tipos de mercadoria que possam ser trocados ou comercializadas (ALMEIDA, 2009). Especificamente, na feira do Mercado Municipal de Montes Claros/MG, marco de tradição de comercialização de produtos rurais, notamos a venda de mercadorias que não se limitam a esse nicho, tais como roupas, sapatos e até mesmo serviços de estética (manicure, pedicura, *design* de sobrancelhas), construindo, portanto, territórios delimitados materialmente ou circunscritos simbolicamente, como afirma Bourdieu (2004).

Cabe ressaltar que as feiras livres e o comércio no mercado municipal, se (re)significam com a urbanização das comunidades, se modificam com as inovações,



porém, permanecem como um espaço de cultura e entretenimento como aponta Almeida (2009).

METODOLOGIA

O método empregado neste trabalho é a pesquisa bibliográfica e observação não-participante. A pesquisa bibliográfica é uma técnica que coloca o pesquisador em contato direto com publicações sobre o tema a ser abordado, sendo possível dar novo enfoque ao tema. Para Lakatos (2003) a pesquisa bibliográfica permite explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente. Por meio dessa pesquisa, é possível obter explicação dos fenômenos que inicialmente não eram aceitos pelos demais pesquisadores, mesmo com as evidências apresentadas, além de descobrir novos fenômenos e formular novas ideias e hipóteses (GIL, 1999).

Segundo Gil (1999) a pesquisa de caráter bibliográfico possui como principal finalidade desenvolver, expor de forma clara e objetiva, fazer mudanças em conceitos e ideias de autores referentes ao tema, levando em consideração os problemas e hipóteses para elaboração da pesquisa. O estudo parte de leitura e levantamento de informações contidas em artigos, livros, dissertações e teses.

Posteriormente por meio da observação não-participante (observação *in loco*) visualizamos o saber fazer matemático dos feirantes e registramos em diários de campo e imagens, as práticas matemáticas do cotidiano que se dão no Mercado Municipal de Montes Claros/MG⁴, denominado Mercado Christo Raeff Nedelkoff, onde foi observados os dizeres, saberes, fazeres e práticas dos feirantes, sob a ótica da Etnomatemática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As leituras e observações nos mostra que existe nesse lugar histórico de comércio, o envolvimento das práticas matemáticas, não simplesmente a venda de produtos, mas sim toda uma cultura de raciocínio gerido por essas gentes que desenvolveram seu jeito peculiar de saber fazendo e fazer sabendo.

⁴ Montes Claros é um município localizado ao norte do Estado de Minas Gerais, distante aproximadamente 418 km da capital Belo Horizonte, com pouco mais de 403 mil habitantes. (MONTES CLAROS)



Foi observado por exemplo a prática de pesagem sem balanças ou qualquer outro equipamento padrão: o feirante ao vender seu frango caipira apresenta a ave e o valor ao freguês, que por sua vez retira mais uma ave do carrinho onde estas se encontram e, se fazendo de balança, como um frango em cada mão, pendula os braços ao mesmo tempo e conseguir escolher o frango que julga ser mais vantajoso, visto que o valor é por unidade e não por peso do produto.

Outra prática matemática encontrada nesse espaço é referente à venda de corante, pimenta do reino moída, açafrão moído e demais temperos/especiarias: a compra pode ser realizada por quilograma, mas o feirante, para atender aos fregueses que resistem às medidas padronizadas, realiza a negociação por “copo” ou “colher”, sendo que cada feirante tem seus utensílios de pesagem de tamanhos variados.

Figura 1- Feira no Mercado Municipal de Montes Claros/MG



Fonte: Autoria própria (2019)

Mais uma curiosidade quanto a Etnomatemática vivida no Mercado Municipal de Montes Claros/MG, conforme figura 1, é a comercialização do feijão. Vemos na imagem que ao lado da balança encontram-se garrafas armazenando feijões, então o freguês escolhe se deseja comprar por medida padrão ou pela matemática própria do feirante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnomatemática, investiga a maneira pela qual os grupos sociais calculam, mensuram, raciocinam e como lidam com essas práticas no cotidiano, questiona o conhecimento matemático atualmente validado como único. Ela também manifesta seu



interesse em tornar visível o saber de grupos até então marginalizados pela sociedade. É possível, pois, perceber que apenas uma pequena parcela do conhecimento produzido pela humanidade é considerada (FERREIRA, 2002).

Nos Mercados Municipais, assim como nas feiras livres, existem o envolvimento das práticas matemática, que não simplesmente a venda de produtos, e sim toda uma cultura de raciocínio gerido por essas gentes que desenvolveram seu jeito peculiar de saber fazendo e fazer sabendo.

Os Mercados Municipais são lugares históricos de comércio, um comércio vivo, de (re)existência, símbolo cultural local, onde o envolvimento das práticas matemáticas, não envolve simplesmente a venda de produtos, mas abarca toda uma cultura de raciocínio gerido por essas gentes que vendem e compram numa prática onde desenvolvem e perpetuam seus saberes. E isso fica bem explícito nas vivências dos feirantes do Mercado Municipal de Montes Claros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Social do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS – Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática- 1º e 2º Ciclos. Brasília, 1997.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Formação pessoal e social. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Matemática. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. (PCN 5ª a 8ª Séries).

BRAUDEL, F. Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CARRAHER, T.; CARRAHER, D.; SCHLIEMANN, A. Na Vida Dez, na Escola Zero. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

D'AMBROSIO, U. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1997.P. 5-111-112.

_____. Ethnomathematics and its place in the history and pedagogy of mathematics. For the learning of Mathematics, p. 44-48, 1998.



_____. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed., 2. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a.

_____. Etnomatemática: uma nova abordagem sobre a construção do conhecimento revoluciona a aplicação das disciplinas na escola. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 69, p. 10-17, ago. 1993.

_____. Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática. São Paulo: Summus Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1985.

_____. Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Etonomatemática Elo Entre As Tradições E A Modernidade. 5. Ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal (org.). et al. Idéias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos.. São Paulo: Global,2002.

FORMAN, Shepard. Camponeses: As feiras livres com as suas participações. 1979. Rio de Janeiro.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HUBERMAN, L. História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

JAPIASSU, H. F. Epistemologia: o mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo-SP, Ed Atlas, 2003.

MORAES, A. Etnomatemática: as possibilidades pedagógicas num curso de alfabetização para trabalhadores rurais assentados. 211 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2008.

MENDES, Iran Abreu. Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

MORAES, Dayara Aparecida. A etnomatemática vista como instrumento de sobrevivência no dia-a-dia. 2013. P.1.

OLIVEIRA, Fátima Peres Zago & DALLMANN, Maria Cristina Sborz. O processo de orientação de trabalhos para as Feiras de Matemática. In: *Feiras de Matemática: Um Programa Científico & Social*. Blumenau: Acadêmica, 2004, p. 85-103.

ROCHA, I. C. B. Ensino de Matemática: Formação para Exclusão ou para a Cidadania. Educação Matemática em Revista. São Paulo, ano 8, n.9, p.22-31, abril 2001.

RODRIGUES, Bruno Henrique Santos. ETNOMATEMÁTICA E LETRAMENTO NUMA FEIRA LIVRE: o caso da cidade de Acari – RN. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Matemática.



SANTOS, Platiny Marinho Dos. A MATEMÁTICA PARA ALÉM DO ENSINO E APRENDIZADO DE REGRAS: cotidiano e experiência do(a) trabalhador(a) rural. S.D. P.25.

VEDANA, Viviane. “Fazer a feira”: estudo etnográfico das —artes de fazer de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2004. 251p